



GT 05. Antropologia da Biomedicina

Coordenador(es):

Jaqueline Teresinha Ferreira (Instituto de Estudos em Saúde coletiva)

Ednalva Maciel Neves (PPGA/UFPB)

Sessão 1 - Biosaberes e biopolíticas

Debatedor/a: Débora Allebrandt (UFAL - Universidade Federal de Alagoas)

Sessão 2 - Adoecimentos, sistemas e cuidados em saúde

Debatedor/a: Cíntia Liara Engel (UnB)

Sessão 3 - Narrativas de parto, violência obstétrica e outras afetações

Debatedor/a: Jane Araújo Russo (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Este Grupo de Trabalho dá continuidade ao diálogo iniciado na III Reunião de Antropologia da Saúde, realizada em Natal/2019, desvelando uma experiência rica de pesquisadores brasileiros que apresentaram etnografias com temas instigantes calcadas em técnicas de pesquisa já consagradas e /ou inusitadas e questões reflexivas de pesquisa. Assim, a proposta é ampliar e aprofundar essa discussão a partir de trabalhos etnográficos sobre a medicina ocidental, a biomedicina, como campo de investigação, envolvendo a produção de conhecimento e tecnologias biomédicas, assim como seus efeitos na experiência coletiva e pessoal. Desta forma, o enfoque é sobre a complexa trama contemporânea do bio: mercados, tecnológicas, interpretações, apropriação de saberes e práticas, direitos e ativismos. Dentre as reflexões, pensamos em dialogar acerca: construção do saber profissional sobre o corpo, definições sobre saúde e doença, questões éticas relacionadas às biotecnologias, cuidado humanizado, comportamentos dos/das pacientes em relação à busca de diagnósticos (testes genéticos, diagnósticos por imagens) e tratamentos (tecnologias reprodutivas, cuidados paliativos) relação médico/a-paciente e diálogos com outras racionalidades terapêuticas. Igualmente contamos com os aspectos políticos, econômicos e éticos que podem animar esses debates.

Cuidados na doença de Alzheimer: relações e tensões entre os saberes e suas orientações

Autoria: Renata de Moraes Machado (IESC)

A doença de Alzheimer (DA) começa a ser considerada e anunciada por especialistas como a ?epidemia do século XXI?. O aumento da ocorrência desta patologia é tido como decorrência do envelhecimento da população, o que justifica o aumento do número de diagnósticos de demências. Tal enfermidade configura um cenário potencialmente impactante em relação a aspectos socioeconômicos e emocionais dos atores sociais envolvidos, devido às características sintomáticas e sociais. Por se tratar de doença crônica degenerativa, uma pessoa pode viver por muitos anos a partir deste diagnóstico, com suas funções vitais em progressivo comprometimento. Pesquisadores críticos sobre o tema, como a antropóloga Margaret Lock, afirmam que a DA não tem etiologia definida, não conta com substrato material nem tratamento determinado pela biomedicina, de modo que intervenções orientadas por profissionais de saúde apenas previnem ou retardam sintomas. Diversamente de outras enfermidades crônicas, a DA determina o desenvolvimento de incapacidades, o que não se reflete em aumento significativo da mortalidade. Os familiares acompanham uma perda (ou transformação) da identidade do doente, em meio a sintomas associados à memória e cognição, alterações comportamentais e de humor, entre outros. Segundo psiquiatras e psicólogos especialistas em luto, tal contexto é considerado como fator de risco para uma vivência de ?luto



antecipatório?. Soma-se a este panorama o fato de que, em todo o mundo, o sistema familiar constitui a base dos cuidados de idosos demenciados. Cuidado é um termo polissêmico e, na relação com pessoas com DA, essa amplitude é evidenciada. O tipo de atenção ao doente varia segundo a progressão da enfermidade. Os cuidados podem incluir desde atividades cotidianas na residência até procedimentos técnicos realizados por equipe especializada ? e, às vezes, aprendidos e exercidos pelos familiares. No contexto de uma doença que não tem cura, o familiar ocupa uma posição ambígua: sob a ótica do cuidado ?humanizado?, é tanto considerado pela equipe de saúde como um aliado quanto é objeto de intervenção, uma vez reconhecida a elevada carga emocional e física que o cuidado de um idoso diagnosticado com DA exige. Esta pesquisa para tese de doutorado aborda o tema a partir de distintas perspectivas etnográficas: observação em congressos sobre entendimento da DA e possíveis intervenções, entrevistas com profissionais e familiares, além de análise de manuais para cuidadores. Nesta apresentação objetivo identificar as orientações para familiares, elaboradas por profissionais de saúde, de modo a refletir sobre os sentidos de noção de pessoa para os distintos atores sociais envolvidos na atenção a afetados por DA.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: